



ALTAMIR LOPEZ, DO BC: NECESSIDADE MENOR DE NOVOS EMPRÉSTIMOS

No azul, sem o FMI

Pela primeira vez desde 1998, quando recebeu um empréstimo de US\$ 41,5 bilhões para não quebrar, o Brasil fechou o balanço de pagamentos ao exterior com saldo positivo, quando descontados os recursos liberados pelo Fundo Monetário International (FMI). Em 2003, informou ontem o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, o resultado foi superavitário em US\$ 8,496 bilhões. Descontados os US\$ 4,769 bilhões líquidos oriundos do FMI, o saldo cairia para US\$ 3,727 bilhões. Em 2002, não fossem os empréstimos do Fundo, o balanço de pagamentos teria um buraco de US\$ 11,782 bilhões, e não um saldo positivo de US\$ 302 milhões como se verificou.

Esses números, segundo Altamir, mostram que o Brasil está se livrando da necessidade de empréstimos do FMI para manter suas contas equilibradas. Em 2004, a previsão do BC é de que o balanço de pagamentos contabilize déficit de US\$ 4,7 bilhões. Desse total, no entanto, US\$ 4,4 bilhões serão referentes a pagamentos com Fundo. "Ou seja, estamos projetando um déficit de apenas US\$ 300 milhões sem os desembolsos ao FMI, o que não é nada", destacou. No total, o Brasil deve US\$ 28,374 bilhões ao Fundo. Essa dívida terá de ser paga até 2007. Pelo acordo renovado recentemente entre o FMI e o governo brasileiro, o país ainda tem direito a saques de US\$ 14,8 bilhões.

Para o governo, a quase independência do Fundo é uma grande notícia. Como já ressaltou o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, a meta é não prorrogar o acordo que vence no final deste ano. O governo também não quer sacar as parcelas, dos US\$ 14,8 bilhões, que serão liberadas a partir de março. Segundo Palocci, a renovação do acordo com o FMI por mais um ano foi uma espécie de seguro, para que o Brasil

caminhe de forma mais tranquila neste período de forte ajuste das contas externas.

Viagens em baixa

Ao detalhar o balanço de pagamentos do Brasil de 2003, Altamir Lopes disse que o brasileiro está viajando cada vez menos para o exterior. Desde 1989, a conta de viagens não fechava no azul. No ano passado, o saldo bateu em US\$ 218 milhões e, do início de janeiro até o dia 22, estava positivo em US\$ 74 milhões. O motivo principal para a diminuição das viagens ao exterior é o achatamento da renda — um dólar vale quase três vezes um real. Somente nos últimos 12 meses, o poder de compra real dos brasileiros encolheu 15%. Estima-se que a renda per capita do país, com o Produto Interno Bruto (PIB) variando entre 0% e 0,2% em 2003, tenha registrado a maior queda nos últimos dez anos.

Na avaliação do economista do BC, não foi apenas a renda em baixa do brasileiro que provocou o superávit na conta de viagens. Há, segundo ele, um interesse enorme dos turistas estrangeiros em virem para o Brasil, pois o país está barato diante da desvalorização do real frente ao dólar. Tal interesse, afirmou, é crescente, a despeito de o país não ter uma boa infra-estrutura turística e de as grandes cidades estarem dominadas pela violência.

O BC informou ainda que, desde 1995, os brasileiros que vivem no exterior, sobretudo no Japão e nos Estados Unidos, não remetiam tanto dinheiro para o Brasil. No ano passado, essas transferências unilaterais, como são tecnicamente chamadas, totalizaram US\$ 2,867 bilhões, com aumento de 20% em relação a 2002. Esse dinheiro tem sido fundamental para melhorar o balanço de pagamentos e reforçar as reservas internacionais do país, que, no último dia 21, atingiram US\$ 52,140 bilhões — mais US\$ 447 milhões em relação à véspera. (VN)